



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV  
PROGRAMA PLATAFORMA FREIRE - PARFOR

Jean de Sena  
José Bezerra Araújo Junior  
Sueleide Ramos  
Valtécia Fernandes da silva

O PROCESSO DE DECADÊNCIA DOS ENGENHOS DE RAPADURAS NA REGIÃO  
DE BANANEIRAS E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS –1970-1989

Jacobina – BA  
Novembro/2014

Jean de Sena  
José Bezerra Araújo Junior  
Sueleide Ramos  
Valtécia Fernandes da silva

O PROCESSO DE DECADÊNCIA DOS ENGENHOS DE RAPADURAS NA REGIÃO  
DE BANANEIRAS E SEUS IMPACTOS SOCIO-ECONÔMICO –1970-1989

Trabalho de Conclusão de Cursos – TCC,  
apresentado ao Departamento de  
Ciências Humanas - UNEB Campus IV-  
Jacobina – BA. Como requisito parcial  
para obtenção do grau de Licenciado  
Pleno em História

Orientador. Prof. Me. Jedean Gomes Leite

Jacobina – BA  
Novembro/2014

O PROCESSO DE DECADÊNCIA DOS ENGENHOS DE RAPADURAS NA REGIÃO  
DE BANANEIRAS E SEUS IMPACTOS E SOCIO-ECONÔMICO –1970-1989

Banca de Avaliação

---

Prof. Avaliador

---

Prof. Avaliador

---

Prof. Avaliador

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente Deus, por tudo o que tens feito e realizado em nossas vidas, queremos Te agradecer com todo o nosso ser.

Obrigada as nossas famílias, que sempre estiveram ao nosso lado nos momentos difíceis e alegres.

Aos nossos amigos, em especial aos colegas que conquistamos na Universidade.

Aos nossos professores, que muito aprendemos nesta etapa tão importante da nossa vida.

Ao nosso orientador Jedean Gomes Leite que tanto nos ajudou e incentivou nos encontros.

## RESUMO

O referido trabalho monográfico tem por objetivo Identificar às causas que levaram a quase totalidade do desaparecimento dos engenhos de cana de açúcar na região de Bananeiras na década de 1970, visando as consequências que a população sofreu. O interesse pela pesquisa surgiu da necessidade em compreender o trabalho dos engenhos de cana de açúcar e as razões que culminaram no processo de desativação dos engenhos e os impactos causados pela desativação dos mesmos e as relações com as novas culturas praticadas na localidade. Apresenta inicialmente um pouco da história dos engenhos, como se dava o processo da utilização da cana de açúcar. Utilizamos, para tanto os estudos de Souza 2007; Leite 2010; ÚNICA 2008; Cardoso 2009. Os lócus da pesquisa engenhos de cana de açúcar na comunidade de Bananeiras, no município de Pindobaçu-Ba.

Palavras-chave: Engenho. Engenhos de Rapadura; Pindobaçu –BA. Novas culturas praticadas na localidade de Pindobaçu-Ba.

## **ABSTRACT**

That monographic study aims to identify the causes that led to the disappearance of almost all sugar cane mills in Banana region in the seventies, targeting the consequences that the people suffered. The interest in research arose from the need to understand the work of the sugar cane plantations and the reasons that led to the shutdown of the mills process and the impacts caused by turning them off and relations with the new crops grown in the locality. It first presents a bit of history of the mills, how was the process of using sugar cane. We use, for both studies Souza 2007; LEITE 2010; UNICA 2008; Cardoso 2009; The research locus of sugar cane plantations in the community of Bananeiras in the municipality of Pindobaçu-Ba.

Keywords: Mill. Mills of Sugar Cane in Pindobaçu -BA. New crops grown in the town of Pindobaçu-Ba.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>11</b>
1.1 - UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O MUNICÍPIO DE PINDOBAÇU-BA	11
1.2 - POVOADO DE BANANEIRAS	13
1.3 - ENGENHOS –COLONIAIS, IMPERIAIS E REPUBLICANOS	15
1.4- ENGENHOS DE RAPADURA EM PINDOBAÇU	17
1.5- O SURGIMENTO DOS PRIMEIROS ENGENHOS EM BANANEIRAS	19
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>22</b>
2.1- A IMPORTÂNCIA DOS ENGENHOS	22
2.2 - OS ASPECTOS SOCIAIS	26
2.3- ECONOMIAS DOS ENGENHOS EM BANANEIRAS	30
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>33</b>
3.1- OS IMPACTOS CAUSADOS PELA DESATIVAÇÃO NOS ENGENHOS DE BANANEIRAS	33
3.2- AS NOVAS CULTURAS E O DECLÍNIO DOS ENGENHOS	35
3.3- A TRANSIÇÃO DA ECONOMIA E A PERMANÊNCIA DO ENGENHO PEDRO ANORO	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>46</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

Os engenhos de cana estiveram presentes em quase toda a história do Brasil. Em parte dela, protagonizou a história, sendo a mais importante atividade econômica do país, quando não a única, principalmente no período colonial. Quando os livros de história nos remetem a esta cultura quase sempre tratam do cultivo e beneficiamento da cana-de-açúcar nas regiões próximas ao litoral por vários fatores, entre eles a proximidade com os portos, algo que facilitava o escoamento do produto, as estruturas latifundiárias já existentes e etc.

Este trabalho, no entanto, tem por objetivo apresentar alguns fatos ocorridos e as consequências provenientes desta atividade em uma região distante do litoral, encravada no sertão da Bahia, em um período em que os engenhos voltados para a produção de melaço ou de rapadura e tijolo, passaram a perder espaço com a chegada de um novo produto açúcar já refinado ao mercado local. Foi o caso de Bananeiras, localidade que é distrito do município de Pindobaçu-Ba, na década de 1970. Portanto tentaremos analisar este episódio de história local em seus desdobramentos políticos, econômicos e sociais em Bananeiras e sua microrregião.

O interesse pela temática surgiu das inquietações advindas ao longo da formação acadêmica como pesquisador no curso de História da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus -IV. Nessa experiência como licenciando, atuante em espaços escolares e não escolares e na busca de melhor compreender a história da localidade, emergiu um assunto que é fundamental para se entender a realidade atual da localidade de Bananeiras.

Destacamos os engenhos como nosso principal foco de pesquisa para que melhor venhamos compreender todos os fatos ocorridos em sua ampla história no distrito de Bananeiras, trazendo mudanças nos setores econômicos, agrícolas e transformando os aspectos sociais, mediante o que era proporcionado aos moradores de toda a comunidade.

Esses fatores, sobretudo de ordem estrutural, político-econômico, presente no meio agrário de muitas regiões brasileiras, condicionam a exclusão e a concentração de muitos grupos sociais, em espaços restritos ou completamente abertos ao convívio, sobrevivência e ao desenvolvimento humano. Tal fator é

também um lugar de avanço e decadência, desencadeando deste modo, os problemas sociais no seu meio rural e urbano.

Cabe ainda ressaltar que a cultura canavieira aqui abordada, até aquele momento se restringia a ambientes de condições favoráveis, como era o caso Bananeiras e das localidades circunvizinhas, as quais além de se destinarem ao cultivo da cana, estas por sua vez eram beneficiadas de uma única forma, a produção de rapadura.

Além dos documentos que foram utilizados para resgatarmos a história, a memória dos moradores da localidade manifestados através da oralidade constitui uma ferramenta de fundamental importância para o resultado do nosso trabalho. Buscamos transcrever as memórias dos moradores locais e assim foi possível ter acesso a uma cultura que foi caindo no esquecimento e abdicando de sua origem, suas experiências e vivências.

Esta pesquisa constitui algo de fundamental importância para o amplo momento de formação profissional, pois a nos proporcionou uma nova visão metodológica, de pesquisa no âmbito do estudo de campo e no trato com as fontes tanto de natureza escrita quanto das informações oriundas das entrevistas.

Nesta perspectiva, percebemos a imperiosa necessidade deste momento especial de nossa formação. Foi durante o convívio com os entrevistados que nós, pesquisadores, através do contato direto com a história, na presença de personagens e ambientes um tanto distantes de nossa atividade profissional em sala de aula que foi possível a apreensão de novos conhecimentos e facetas da nova história local, que outrora nos foram apresentados durante o curso. Assim, apreendemos na prática, os enormes desafios do professor pesquisador e historiador na realização de um trabalho acadêmico.

A vivência da rotina escolar, enquanto docentes não nos possibilitava esse olhar diante do produto a ser pesquisado, mas com a investigação, entrevistas, leitura nos oportunizou uma ótica diferenciada. Entretanto pode se tornar algo complexo pela carência das fontes, mas nada que impedisse de continuarmos, pois a inquietação pela investigação e pela descoberta de novas informações, só nos despertava ainda mais o prazer de concretizar nosso trabalho.

Procuramos analisar os engenhos nos aspectos econômicos, sociais e políticos na localidade de Bananeiras, bem como o impacto ambiental ocorrido onde os engenhos estavam instalados. Nesse sentido, esta pesquisa procura identificar e compreender as razões que culminaram no processo de desativação dos engenhos e ao mesmo tempo compreenderem os impactos causados por tais desativações e as relações implantadas com as novas culturas praticadas na localidade de Pindobaçu-BA.

A estrutura foi concebida de forma a analisar a sequências dos desdobramentos dos fatos relacionados aos engenhos de rapadura da localidade e optamos em dividir o trabalho em três capítulos. No primeiro concentramos nossos esforços em apresentar de forma concisa as características da localidade e sua relação histórica com a cultura canavieira, abordando de forma rápida as características dos engenhos coloniais, imperiais e republicanos, e a partir daí, transferimos o foco para o surgimento dos engenhos em Pindobaçu e Bananeiras, nosso objeto central.

No segundo capítulo, a atenção foi dada à importância dos engenhos para a comunidade de Bananeiras e sua influência no cotidiano dos habitantes. Optamos em um dado momento buscar abordagens voltadas para os aspectos sociais e em outro momento nos concentramos nos reflexos diretos e indiretos nos aspectos econômicos locais.

O terceiro capítulo tem a pretensão de entender o processo de decadência dos engenhos e o seu respectivo impacto na economia local, passando pelo processo de desativação dos engenhos, a chegada e implantação de novas culturas visando compreender a transição de uma cultura para outra, bem como o resquício de permanência das atividades ligadas ao engenho de rapadura.

## CAPÍTULO I

---

### A Localidade de Bananeiras e sua relação com os engenhos de rapadura

A localidade de Bananeiras sempre teve em sua história um laço com as atividades relacionadas aos engenhos principalmente de rapadura, em função disso criou-se ali uma espécie de monocultura, pois a economia local tornou-se dependente desta atividade. Desde a implantação dos primeiros engenhos até o seu auge, Bananeira foi bastante beneficiada pelas atividades a eles relacionadas.

Antes de adentrarmos na abordagem sobre o objeto primeiro deste trabalho, é necessário conhecer um pouco algumas características da região de Bananeiras e do município de Pindobaçu-BA e só então começarmos a entender a importância dos engenhos para a região estudada.

#### **1.1 – Um breve histórico sobre o município de Pindobaçu-BA**

Pindobaçu é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população estimada em 2014 era de 21.087 habitantes. A cidade Pindobaçu a 398 km. De Salvador. Originalmente os territórios que hoje integram os municípios de Pindobaçu e Filadélfia fazia parte do município de Campo Formoso. Surgiu de um pouso de tropeiros, local em que os viajantes das tropas de animais de carga paravam para descansar. O principal itinerário da viagem era o caminho que ligava a antiga Vila Nova da Rainha (atual Senhor do Bonfim) e a Vila Velha de Jacobina. (IBGE: 2014)

Segundo a Lei Estadual nº. 542 de 04 de março de 1953 é instituído o município de Pindobaçu, sendo inaugurado no dia 7 (sete) de abril de 1955, passando então, o antigo arraial de lamarão à sede municipal. (CIDADE-BRASIL 2014)

Localizado no nordeste baiano, região de Piemonte da chapada Diamantina, mais especificamente na zona fisiográfica de Senhor do Bonfim, o município de Pindobaçu “limita-se com os municípios de Saúde, Mirangaba, Antônio Gonçalves, Filadélfia e Ponto Novo”. (IBGE: 2014)

“Posteriormente a área das rancharias se desenvolveu dando origem a um antigo Arraial denominado por uns de Arraial do Lamarão e por outros de Arraial do Lameirão”. Isso se dava devido à grande umidade que existia no terreno, pois até mesmo no tempo da seca, tinha muita lama, já na época das chuvas a ruas ficavam totalmente alagadas.

Segundo relatos do morador de Carnaíba de Baixo, José Elton da Silva, “era chamada de lamarão porque as pessoas não sabiam a forma exata, sobre o escrito lamaçal, em que havia poucas pessoas alfabetizadas, o nome foi mudado por meio de consultas aos moradores”.<sup>1</sup>

A povoação permaneceu com o nome de Lamarão até o ano de 1914, ano em que foi inaugurada a estação ferroviária de Pindobaçu e a mudança do nome do lugar tem uma explicação muito curiosa. Quando o prédio da estação ficou pronto o nome da localidade deveria ser colocado em seu frontispício, mas os engenheiros da Leste Brasileiro acharam que o nome de Lamarão era muito feio para batizar aquele prédio novo e bonito. Decidiram então consultar os moradores acerca de uma possível mudança quanto ao nome da localidade. A consulta foi realizada na residência de Emílio Hilário. Os moradores consentiram com a mudança, mas não sabia qual seria o novo nome. Ocorreu que dentre os engenheiros da Leste Brasileiro havia um que era estudioso do idioma Tupy-Guarany, o qual explicou aos presentes que devido à abundância de palmeiras de babaçu naquela região ele propunha que o lugar deveria passar a se chamar Pindobassu, o que no idioma Tupy quer dizer "palmeira alta" ou "palmeira grande", já que a palavra pindoba em Tupy quer dizer palmeira e assim quer dizer grande. A aceitação foi geral. E como a origem do nome era Tupy o mesmo foi grafado com dois SS, tendo a ortografia posterior substituído os dois SS pelo Ç como é grafado atualmente. (CIDADE-BRASIL 2014)

A história da cidade se mistura com a crença religiosa, baseada nas comemorações do dia de Senhor do Bonfim de Pindobaçu, na Igreja construída ainda na época da colonização por um dos moradores que mais contribuíram para a história e cultura do lugar.

---

<sup>1</sup> Entrevista com o senhor José Elton da Silva. Realizada em 28 de outubro de 2014, na sua residência em Carnaíba de Baixo, às 19:30.

## 1. 2 - Povoado de Bananeiras

Bananeira fica no atual município de Pindobaçu, o mesmo nasceu de um pouso de tropeiros, localizado na estrada que demandava a Jacobina. Tempos depois, esse local de descanso para viajantes e comerciantes haveria se transformado no arraial de Lamarão, nome justamente empregado por causa do imenso lamaçal em que essas passagens se tornavam em épocas chuvosas.

Lagoa de Santa Efigênia, segundo alguns moradores, incluindo as memórias que nos relataram, era assim que se chamavam Bananeiras no passado. Entretanto não conseguimos encontrar nenhum documento escrito oficial que nos testificassem a identificação da origem do nome ou razões que levaram a modificação do nome.

Entretanto, entre os habitantes do povoado de Bananeiras, especialmente entre os mais velhos, todos são seguros quanto se refere inaugural do arraial lagoa da Santa Efigênia; nome que posteriormente se denominou Bananeiras. Pois o cenário era marcado por grandes comemorações religiosas algo que predominava muito neste período da década de 70.

Há comunidade de Bananeiras no Município de Pindobaçu Bahia, tendo como principal atividade os trabalhos em engenhos, mas esse cenário muda a partir da década de 70 com decadência dos engenhos de rapadura na. Bananeiras era uma comunidade em que sete décadas atrás, tinha na produção de rapadura em seus engenhos, a principal fonte de renda dos moradores era está função. Por consequência dos avanços tecnológicos e pela substituição de diferentes práticas de cultivo na região.

Segundo relato do morador Antônio Pereira da Silva<sup>2</sup>, “os jovens foram sendo motivados pelos pais a estudarem e procurarem um meio de vida mais fácil”. Entretanto ficou claro em seu depoimento que isso só era possível com as famílias

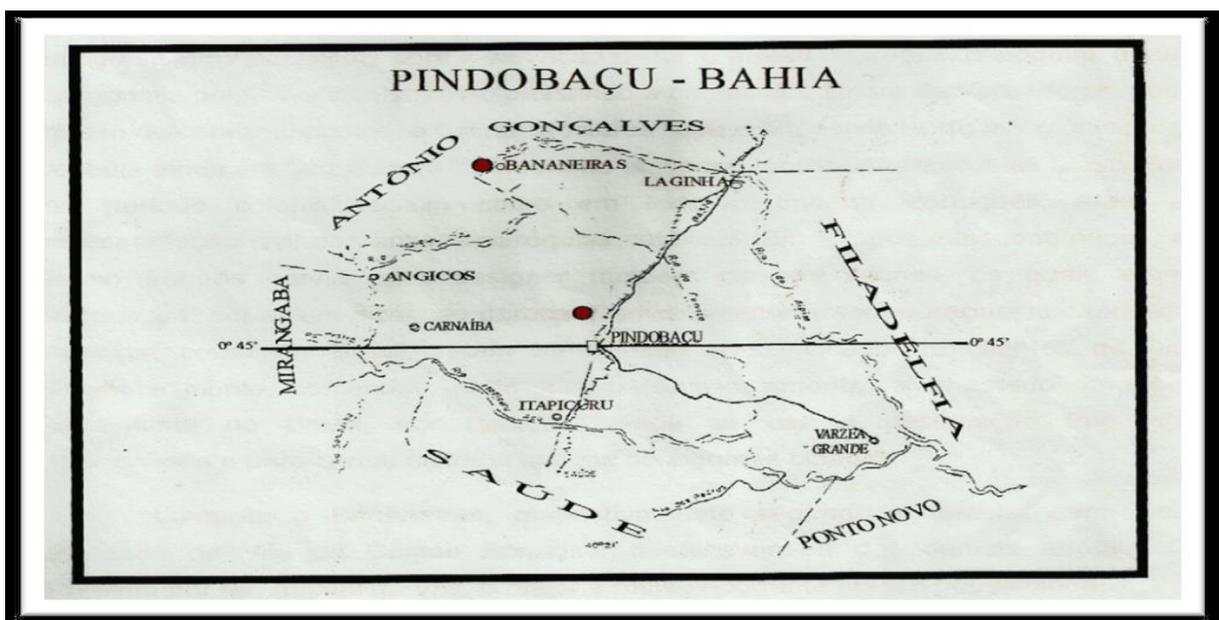
---

<sup>2</sup> Entrevista com o senhor Antônio Pereira da Silva (*In memorian*). Realizada em 20 de novembro de 2013, na sua residência em Bananeiras, às 14:30.

que tinham condições, pois os pais iam envelhecendo, e cada vez mais ia ficando difícil continuar no trabalho pesado dos engenhos de rapadura.

O crescimento industrial no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, mais especificamente no tocante as usinas açucareiras e de refino, ocasionou como reflexo o declínio dos engenhos, por decorrência da oferta de um novo produto, o açúcar refinado, que se tornou mais cobiçado do que a própria rapadura ou melaço. A ausência de matéria prima, tendo em vista que as grandes quantidades de cana-de-açúcar passaram a ser direcionadas para as usinas, que por sua vez ofertavam melhores preços ocasionou ainda outro agravante à situação. A escassez de mão de obra, em função de um grande quantitativo de trabalhadores migrarem para os grandes centros urbanos, onde normalmente se instalaram as usinas, a procura de trabalhos muitas vezes “mais leves” e com melhores salários e melhores condições de vida.

Não foi diferente em Bananeiras, e como a localidade sempre dependeu economicamente dos engenhos, estes fenômenos ocorridos no cenário nacional também se refletiram na localidade. A crise nos engenhos foi desencadeada e paulatinamente os processos de fechamento de cada um deles passaram a ocorrer. Por decorrência disto, estas mudanças influenciaram toda a localidade e não somente os engenhos.



Fonte: IBEGE em: [www.ibege.com.br](http://www.ibege.com.br)

### 1.3 Engenhos-coloniais, imperiais e republicanos.

Na história do Brasil, o período colonial, ficou marcado pela escravidão, o trabalho braçal predominante, era de esforço às vezes sobre-humano para os negros que ali atuavam, principalmente nos cortes de cana. Existem várias definições para a palavra “engenho”, vejamos o que nos diz alguns autores.

O engenho é a "indústria", ou seja, são as "oficinas a que os portugueses chamam de Engenhos, porque tais maquinismos e construções foram inventados por engenhos agudos, e contam-se entre as novidades dos últimos séculos".<sup>9</sup> Mas a palavra engenho pode também ser usada em outras acepções. No uso corrente, incorporado pelo Catálogo, a palavra "engenho" é uma designação genérica, aplicada tanto às "oficinas" ou "fábricas" de açúcar, quanto ao processo de moagem da cana, e por extensão às plantações e ao conjunto da propriedade onde se produz açúcar. Importante ressaltar que não são chamados engenhos as propriedades nas quais planta-se cana, mas não se processa o açúcar. Por outro lado, mesmo tendo como principal produto comercial o açúcar, todas se dedicam em alguma medida ao plantio de outros produtos e à criação de gado. (BARLAEUS, apud SOARES, 2009):

Voltando ao passado, vamos conhecer melhor a nossa história, lembremos do comércio no Brasil na época da colonização, as grandes viagens marítimas, a exploração dos nossos produtos. E assim iniciamos falando dos engenhos de rapadura são uma área de produtividade na qual nos possibilita usufruir de diversos produtos.

O açúcar foi apresentado aos europeus pelos árabes, que os fabricavam no Mediterrâneo conquistado desde o início da Idade Média inicialmente como recurso medicinal. Em Portugal foi D. Henrique quem importou da Sicília as primeiras mudas de cana de açúcar mandando as plantar na Ilha da Madeira, talvez prevendo que os cristais obtidos no cozimento de seu caldo encantaria o paladar do cortejo ao popular, da Europa renascida. Dali, rapidamente, a cultura difundiu-se para os arquipélagos de Açores, Cabo Verde e São Tomé. Em 1478, Portugal já havia superado Sicília e Nápoli em fornecimento de açúcar. (SOUZA (2007, p. 19 apud CANABRAVA 1946)

No Brasil, a casa-grande era moradia do senhor e de sua família; já a senzala, habitação dos escravos; a capela um ambiente de manifestação religiosa muitas vezes presente nas fazendas; e a casa do engenho o centro de processamento da cana de açúcar. Nas fornalhas o caldo de cana era fervido e purificado em tachos de cobre; na casa de purgar o açúcar era branqueado, o que o tornava, melhor apresentável para o consumo final. Separando-se o açúcar mascavo

(escuro) do açúcar mais refinado era posto para secar, esse produto era pesado e separado conforme a qualidade, e colocado em caixas de até 50 arrobas.

É notório pensar que essas grandes quantidades de açúcar produzido só era possível com acesso a grandes propriedades, e que obtivesse uma boa e numerosa mão de obra para a realização do trabalho desde a preparação das terras até o término do produto já pronto para comercialização.

A cultura da cana somente se prestava, economicamente, a grandes plantações. Já para desbravar conveniente o terreno (tarefa custosa neste meio tropical e virgem tão hostil ao homem) tornava-se necessário o esforço reunido de muitos trabalhadores; não era empresa para pequenos proprietários isolados. Isto feito, a plantação, a colheita e o transporte do produto até os engenhos onde se preparava o açúcar, só se tornava rendoso quando realizado em grandes volumes. Neste as condições, o pequeno produtor não podia subsistir. (PRADO JÚNIOR, Caio. 1994. p. 33)

A maior parte do produto não ficava no Brasil, a maior parte era exportado para a Europa. Muitos engenhos possuíam também destilarias para produzir a aguardente (cachaça), utilizada no tráfico de africanos. Essa afirmação é para podermos compreender melhor a história dos engenhos dos municípios da cidade de Pindobaçu-Ba. Nos engenhos de rapadura de Bananeiras as estruturas e sua forma de produção são diferenciadas, nas estruturas não havia a divisão de setores que especificasse com relação de espaço entre trabalhadores e proprietários, assim a rapadura é produzida para ser comercializada como produto interno, enquanto nos outros engenhos essa atividade é exercida para a produção do açúcar e sua exportação, sendo sua principal fonte de renda e movimento a economia do país.

A grande propriedade será acompanhada no Brasil pela monocultura; os dois elementos são correlatos e derivam das mesmas causas. A agricultura tropical tem por objetivo único a produção de certos gêneros de grande valor comercial, e por isso altamente lucrativo. Não é com o outro fim que se enceta, e não fossem tais as perspectivas, certamente não seria tentada ou logo pereceria. É fatal portanto que todos os esforços sejam canalizados para aquela produção; mesmo porque o sistema da grande propriedade trabalhada por mão de obra inferior, como é a negra nos tópicos, e será o caso no Brasil, não pode ser empregada numa exploração diversificada e de alto nível técnico. (PRADO JÚNIOR, Caio. 1994, p. 34).

É possível imaginar as dificuldades enfrentadas pelos pequenos proprietários de engenhos, no que se diz respeito desde a estrutura física e ao trabalhador de menor função; sendo fatores que contribuíam muito para a não formação dos engenhos em suas pequenas propriedades.

A razão por que nem todas as propriedades dispõem de engenho próprio são as proporções e o custo das instalações necessárias. O engenho é um estabelecimento complexo, compreendendo numerosas construções e aparelhos mecânicos: moenda (onde a cana é espremida); caldeira, que fornece o calor necessário ao processo de purificação do caldo; casa de purgar, onde se completa esta purificação. (PRADO JÚNIOR, Caio. 1994, p. 38).

Com o avanço da indústria açucareira os engenhos de rapadura começaram um processo de decadência. Por serem pequenas propriedades de terra e de trabalho familiar não tinha como competir com os novos maquinários. Os engenhos como modo de produção mudaram devido ao grande crescimento de absorção da cana-de-açúcar pelas indústrias. A produção de rapadura foi perdendo seu mercado e os agricultores trocaram a cana-de-açúcar por outras sementes, tais como: a mandioca e o milho, produtos que já eram consumidos pela população. Com isso, o declínio chegou com mais rapidez na localidade de Bananeiras na década de 70, ou seja, o índice de engenhos diminuiu. A usina, a grande produtora de açúcar, era constituída basicamente por dois grandes setores: o agrícola -formado pelos canaviais -, e o de beneficiamento -a casa-do-engenho, onde a cana-de-açúcar era transformada em açúcar e aguardente.

#### **1.4 - Engenhos de rapadura em Pindobaçu**

Se tratando de um produto natural, a rapadura ainda permanece na alimentação dos nordestinos e dos sertanejos, contribuindo para o enriquecimento nutritivo dessa sociedade. Na primeira visita ao engenho de “Pedro Anoro”, no povoado da Grota do João Pinto, localizado no distrito de Bananeiras, realizada no dia 29 de novembro, às onze e trinta da manhã, entrevistamos o proprietário, o senhor Aristóteles do Nascimento, que nos conta suas atividades. Em seu discurso

ele relata que desde criança esse é seu ofício e até hoje continua sendo sua única fonte de renda.

Sem dúvida, foi um trabalho cansativo tanto para os homens como para as mulheres. Nos trabalhos dos engenhos utilizavam animais de cargas para carregar as canas, à lenha as fornalhas, muito quentes e eram feitas em tachos de cobre, sendo todo trabalho manual. O plantio da cana de açúcar também trouxe alterações ao mau uso das terras, como as queimadas, os desmatamentos que contribuíam até na qualidade do produto, sobretudo as áreas degradadas, naquela época não existia acompanhamento para o uso adequado do solo. Além da poluição ocasionada pelas queimadas, o impacto ambiental, poderia provocar doenças nos trabalhadores e na população local. Dessa forma a produção da cana de açúcar trouxe para nosso meio, a poluição atmosférica e ameaças de recursos hídricos, riscos para a produção de alimentos, relações de trabalho e por consequência a desvalorização profissional. Outros fatores implicantes foram às inovações.

Como propostas de modernização dos engenhos na segunda metade do século XX estavam às mudanças na fornalha, o controle de qualidade, o uso de botas e boinas pelos funcionários dos engenhos, a retirada do hidrosulfito de sódio do processo de fabricação, a substituição do óleo de mamona por óleo de soja, a substituição da cal usada para corrigir a acidez da garapa de cana por produtos vegetais e, ainda, a substituição dos tachos de aço. (CASTRO, 2011, p. 34).

Os engenhos são divididos em duas partes, uma parte é onde se faz a moagem da cana, essa primeira parte tem um formato de uma cabana, e a ela são atrelados os bois por meio de uma canga, e estes são responsáveis por fazerem com que as moendas se movam para triturar as canas e produzir a garapa.

Os engenhos, grandes propriedades voltadas para a produção comercial do açúcar, trabalho com homens, e mulheres que muito ajudavam carregando peneiras e cestos na cabeça. Este trabalho intensificou o tráfico negreiro, a imigração, a mão de obra para o empreendimento, trabalho cansativo, escravo e sem direitos trabalhistas.

Os senhores de engenho, ou grandes proprietários, formavam a chamada aristocracia rural. Entretanto, sua influência encontrava-se também na cidade. Em suas mãos concentravam-se muitos poderes: o poder econômico; o poder político e a influência sobre a Igreja e as leis. (LEITE, 2010, p.13).

Conforme ocorreram as mudanças tecnológicas na sociedade, os engenhos de rapadura ficaram gradativamente ultrapassados, pois os mesmos foram substituídos pela agricultura, especificadamente por a mandioca, tendo esses produtos a maior intensidade de uso. As áreas que eram ocupadas pela lavoura da cana-de-açúcar, deram lugar a novos plantios.

As extinções dos engenhos aconteceram através das peculiaridades e da necessidade de se integrar nossos produtos como fonte de renda. A mandioca foi uma saída encontrada pelos moradores para implementar o seu sustento e suprir suas carências. Com a implantação das casas de farinhas fortaleceu esse novo negócio e a crise do engenho se consolidou de vez.

### **1.5 - O surgimento dos primeiros engenhos em Bananeiras**

Os engenhos surgiram por meados do século XVI, os engenhos de rapadura começaram a existir há muitos anos atrás, no Brasil, a capital Mineira foi um dos mais importantes espaços para produção da cana de açúcar, logo depois muitos estados.

Minas Gerais foi, durante o século 19 e início da centúria seguinte, o mais importante espaço canavieiro do Brasil. Para a década de 1830, estima-se a existência em Minas de 4.150 unidades produtivas com transformação da cana-de-açúcar. A soma de todos os engenhos do litoral nordestino, do norte fluminense e do Planalto Paulista, as principais regiões produtoras de açúcar para mercados externos, não alcançava a metade do número de engenhos mineiros. Para este mesmo período, estima-se que 40% da força de trabalho escrava de Minas Gerais, ou mais de 85 mil cativos, era empregada, sazonalmente, na fabricação de açúcar, rapadura e aguardente. É grande a probabilidade de que em nenhum outro espaço canavieiro, em qualquer período da história do Brasil escravista, tenha sido empregado contingente desta magnitude. (GODOY, 2008, p. 92):

Os engenhos de rapadura faz em parte de uma área de produtividade na qual nos possibilita usufruir de diversos produtos e de uma rica fonte histórica. Os

engenhos de Bananeiras não são diferentes, pois os mesmos possuem uma rica história local desde o surgimento, tendo como requisitos fontes históricas orais nas quais vivem presentes nas memórias dos moradores de Bananeiras, muitos recordam com alegria, outros com tristeza, pelo fato de lembrarem em que já foi algo mais valorizado pelos moradores do lugar, pelas pessoas que visitam o distrito e principalmente para os senhores donos dos engenhos e para os produtores.

Não existem relatos precisos que definam o surgimento dos primeiros engenhos de rapadura no distrito de Bananeiras, pois segundo o Sr. Antônio que nasceu em Bananeiras e hoje se encontra morando no mesmo lugar, já com 86 anos de idade e nos relatou que:

Desde a sua infância já existia engenhos em Bananeiras de antigos proprietários no qual segundo seu Antônio já faleceram. A vida nos engenhos era de segunda a sábado sem descanso. Entretanto mesmo que quisessem não podia, pois se saíssem do emprego era difícil encontrar outro. (Sr. Antônio Pereira da Silva)

No atual engenho no qual estamos estudando o engenho da grota Ferreira em Bananeiras os trabalhadores relataram que “o engenho foi algo herdado, ou seja, algo de herança”, mas segundo José Bezerra de Araújo, “o engenho foi comprado por os avós dos atuais donos, sendo antes disso escravos do engenho e depois de algum tempo conseguiram juntar uma quantia em dinheiro para comprar, tornando-se algo hereditário”<sup>3</sup>.

Neste mesmo período os agricultores trocam a cana-de-açúcar por outras sementes, e com isso, a decadência chega com mais rapidez na localidade de Bananeiras na década de 70 (setenta), ou seja, por decorrência desses fatores o índice dos engenhos diminuiu bastante.

Há muitas versões históricas sobre a origem dos primeiros engenhos de rapadura em Bananeiras, a mais tradicional é a fonte oral, em que por meio da mesma podemos identificar o poder de posse por parte dos coronéis, pois desde o

---

<sup>3</sup> Entrevista com o senhor José Bezerra de Araújo. Realizada em 31 de outubro de 2014, na sua residência em Bananeiras, às 15:30.

surgimento dos primeiros engenhos de rapadura no distrito de Bananeiras, já havia coronéis no distrito, e os mesmos controlavam a pequena comunidade em que ali viviam, sempre sendo dominante em todas as áreas, tudo isso para obter mais espaço no território e principalmente para proteger suas filhas dos tropeiros que ali passavam.

## CAPÍTULO II

---

### **A INFLUÊNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DOS ENGENHOS DE RAPADURA EM BANANEIRAS**

Com a chegada de Martim Afonso de Souza em 1532 no Brasil, vieram com ele também as primeiras mudas de cana de açúcar, embora seja admitido que essa planta nativa pertença ao continente americano, só a partir daí a cana passou a ser um produto conhecido e explorado pelos portugueses.

A introdução desse novo produto no nosso país em meados do século XVI e XIX, período esse em que o mesmo ainda era colônia de Portugal, com a grande concentração da produção da cana no litoral brasileiro trouxe com ele um novo viés econômico, alavancando para um comércio de exportação e direcionando a economia que estava adormecida, fazendo com que o açúcar se tornasse o principal produto extraído da cana e dando possibilidades a diversas regiões no Brasil. Sendo a Holanda uma grande potência nesse período, foi que comandou o litoral nordestino e sua produção de açúcar. Assim, com a origem dos engenhos de açúcar expandiu-se a economia no período colonial. Além disso, o que possibilitou esse crescimento foram o financiamento dos comerciantes portugueses e holandeses e a questão do clima que era favorável para cultivo, fazendo a junção com as experiências que os portugueses tinham em manusear a produção.

Em Bananeiras, guardadas as devidas proporções, não foi muito diferente. A implantação dos engenhos fez com que os produtos derivados dele ocupassem parte do cotidiano das pessoas no que diz respeito aos produtos ofertados e procurados nos mercados e nas feiras livres. Isso, de forma direta, potencializava a economia local e também do município.

#### **2.1 A importância dos engenhos**

Ao abordar a questão dos engenhos é de fundamental importância deixarmos claro as suas definições. Tratamos aqui apenas dos engenhos produtores de açúcar, assim é importante ressaltar sobre os engenhos de rapadura, os mesmos não ocupavam um espaço no mercado interno de destaque no início de suas

atividades tinham uma importância secundária. Porém a rapadura passou a ser um dos produtos consumidos pelos nordestinos. E, a partir dessa aceitação, os produtos outrora não tão cobiçados, passaram a ser aceitos por todo.

A produção de rapadura desenvolvida nos chamados engenhos é uma das atividades mais tradicionais do Nordeste, remontando à época da colonização. Conforme veremos, trata-se de atividade marcada pelo tradicionalismo e pelo uso de práticas muito parecidas com as prevalentes na época colonial, embora mais recentemente algumas experiências, ainda raras, de modernização já possam ser encontradas. (RODRIGUES LIMA, 2001, p.31).

No início do cultivo da cana de açúcar começaram a surgir os primeiros engenhos de rapadura em Bananeiras, que conseqüentemente e processualmente foram se elevando ao índice quantitativo, que chegaram ao alcançar em torno de 52 engenhos na região. Podemos destacar dentre os grandes proprietários dos engenhos de Bananeiras, segundo o “Senhor José Bezerra de Araújo foram, Pedro Roberto, Antonio do Marco, Joel Cardoso, Napoleão, Ramalio Quirino, Joaquim Bento e Telésforo Silveira de Menezes e o de Telesforo era o que mais fazia rapadura”<sup>4</sup>. De acordo com as informações do mesmo o nome do colégio de Bananeiras se deu pela grande importância que esse produtor e comerciante teve na sua região.

Entretanto os engenhos de rapadura de Bananeiras conseguiram ocupar um espaço de forma mais intensiva desde a sua existência, na medida em que as cidades vizinhas tinham grande interesse pelo produto na localidade essa era a principal e praticamente a única fonte de renda. Posteriormente apareceria o alambique onde se produzia cachaça, bebida que também é extraída da cana de açúcar e que se tornou, em proporções muito menores uma alternativa econômica.

---

<sup>4</sup> Entrevista com o senhor José Bezerra de Araújo. Realizada em 31 de outubro de 2014, na sua residência em Bananeiras, às 16:10.

Desde a idade média, o alambique é utilizado na destilação de bebidas espirituosas a partir do mosto fermentado (bagaço ou aguardente bagaceira), do vinho (aguardentes vínicas), de cereais fermentados (uísque, vodca, saquê, a genebra). Com a descoberta do novo mundo e o início da produção de açúcar de cana, começaram a ser desenvolvidos destilados com resíduos da produção já no século XVII. No Brasil foi chamado aguardente da terra, depois aguardente de cana e depois cachaça, rum nas colônias britânicas, tafia nas francesas e aguardiente de caña nas espanholas. O primeiro alambique que surgiu nas costas brasileiras foi em 1590 e estava a bordo do navio do pirata inglês Richard Hawkins, onde era utilizado para destilar água do mar. (Cavalcante Soares, 2011. p.608).

De uma forma em geral, é possível abordar o assunto dos engenhos tendo em vista que este proporciona vários derivados a partir de um único produto base, o melaço. Contudo sabe-se que essa não é a maior preocupação dos investidores nem por parte dos particulares tampouco pelos setores governamentais, pois para eles o que interessava de fato, era a lucratividade, ou seja, algo que possibilitasse para os investidores um lucro satisfatório em curto espaço de tempo. com certeza seria um produto extremamente valorizado. Entretanto, quando falamos de lucratividade devemos deixar claro a ideia de valores quantitativos e não em uma ideia de qualidade ou até mesmo de valores éticos, culturais. Muitas das vezes esses pontos são esquecidos e são atribuídos fatores que envolvem muito a questão capitalista.

Os incentivos governamentais, no que se refere aos financiamentos e linhas de crédito, não sugerem melhorias em curto prazo, principalmente devido à ausência de perspectivas de expansão do mercado consumidor que, por sua vez, cobra melhoria na qualidade do produto, diversificando na oferta e fiscalização em relação às condições de higiene. (CASTRO, 2011. p. 34)

Segundo o senhor José Barbosa da Silva, “muitas das vezes que iam pras feiras, muitos dos consumidores questionavam sobre as condições do produto, na forma com era feito, como era distribuído, e a maneira na qual era exposto”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Entrevista com o senhor José Barbosa da Silva. Realizada em 25 de agosto de 2014, na sua residência em Campo Formos, às 18:30.



Comercialização da rapadura nas feiras da região –Município de Santana do Cariri  
Fonte: Fotografia de Olga Paiva, Acervo da Superintendência do IPHAN no Ceará, s/d.

Pudemos perceber na fala do entrevistado que existia um diálogo conversivo para que não houvesse a queda do preço, ou seja, os consumidores procuravam argumentos que viessem a desvalorizar o produto oferecido. Um dos questionamentos mais comuns dos consumidores era sobre qual forma os produtos era transportado por meio de jegues, burros e mulas, sendo apontadas as condições em que as rapaduras chegavam, sendo transportadas ao ar livre. Na maioria das vezes os produtos chegavam em condições boas, ou ao menos aceitáveis, mas em alguns casos o produto não chegava em boas condições, isso se devia, principalmente pela maneira como era o transporte acontecia, na maioria das vezes com bastante precariedade. Em meados da década de 1970 os custos sobre todas as cargas eram elevados. Isto, por sua vez, acontecia por dois motivos principais, a relação oferta e demanda dos serviços, e as distancias entre o local de origem dos produtos e as feiras livres, para onde eram levados para serem comercializados.

Como no passado, a produção agrária continuará compartimentada e distribuída pelas diferentes regiões do país, com um gênero para cada uma; e desenvolvendo-se cada qual independentemente das

demais e voltada inteiramente para fora do país, isto é, para a exportação. (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 225)

Em Bananeiras a produção da rapadura seguia o mesmo rumo da produção agrária, tinham seus compartimentos mais eram distribuídas em diversas regiões circunvizinhas. Mesmo com uma boa quantidade de engenhos existiam as repartições que, por sua vez, tornavam-se independentes, e na grande maioria quase toda a produção era destinada para exportação. “É como se fosse diferentes unidades econômicas mais ou menos acidentalmente reunidas no corpo de uma só nação e levando vida à parte”. (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 225)

Não era incomum a falta de acesso dos moradores locais aos produtos do engenho, na verdade, poucos da localidade tinham a oportunidade de saborear, pois a determinação era a quantidade e não a qualidade, isso, gerava certo descontentamento a comunidade, porque eram fatores que implicavam não só nos aspectos sociais, mais também nos aspectos econômicos.

## **2.2 - Os aspectos sociais**

Os engenhos do distrito de Bananeiras, município de Pindobaçu, destacaram-se por sua grande importância econômica, social e político, cujo, os mesmos contribuíram para sustentabilidade da comunidade de Bananeiras, onde essa era a única fonte geradora de emprego. Dessa forma gerava uma pequena renda para as famílias empregadas nos engenhos, renda essa que era revertida para os próprios donos de engenho, pois eram os comerciantes da localidade.

O fator contribuinte nesta relação era que os próprios comerciantes eram também donos dos engenhos estabelecendo o fortalecimento do comércio local até 1980 a 1985. Entretanto para os comerciantes locais o objetivo deles eram prosperar com a produtividade nos engenhos e obter lucratividade nas vendas em seus comércios.

Apesar das mudanças industriais, o engenho remanescente de Bananeiras permanece com as mesmas características estruturais dos engenhos coloniais. Tais como, o modo de funcionamento, a divisão de trabalho escravo, os aspectos hereditários, exceto a mão de obra escrava. Com tudo podemos afirmar que a rapadura continuou sendo o principal produto. Ela era destinada ao uso individual, enquanto o açúcar era o produto mais desejado pelos colonizadores e comerciantes europeus. Se por um lado o açúcar era mais comercializado no período da colonização, a rapadura tinha maior consistência e durabilidade, pois o açúcar, a depender do tempo e do clima, poderia se decompor mais rápido, algo que não acontecia com a rapadura. Assim, em função disso, e apenas às vezes a rapadura ganhava destaque no mercado interno.

Em uma sociedade voltada para hierarquia e com diferenças sociais a produção de rapadura chegou a ficar socialmente em segundo plano. Devido ao preço, o produto acabou perdendo o espaço no mercado, proveniente das mudanças no espaço social e por conta das más condições enfrentadas pelos produtores de rapadura. Neste período, que era de baixa taxa de plantio, muitos deixaram de lado os canaviais em busca de melhores recursos para as suas vidas. Assim, este período ficou marcado pelo êxodo rural, onde os homens da localidade de Bananeiras deixaram suas famílias para ir para as grandes capitais. Sucumbiam assim os engenhos e surgiam as usinas.

Os produtores de rapadura convivem com os lucros que não chegam a ser representativos em comparação aos custos da produção, sobre a qual pesam os encargos sociais associados aos trabalhadores, a manutenção do maquinário e as despesas geradas pelo consumo de energia ou pela escassez de água em determinadas estações do ano. (CASTRO, 2011, p. 34).

Essa realidade é vivida pelos produtores de rapadura do engenho de Bananeiras, pois, o pouco que produzem serve apenas para o sustento da família e dos gastos que geram no engenho, sem contar com os encargos fiscais, pois os consumidores sempre querem comprar o produto por preços menores, em função dos impostos. Com todos esses fatores o engenho ainda em pouco funcionamento, consegue funcionar de dois a três dias na semana. Entretanto, isso só não é possível quando os dentes da catraca, como é chamada parte superior das

moendas se desgastam, não dando possibilidades de funcionamento, pois com o movimento de rotação dos bois as catracas começam a deslizar não fazendo o movimento de rotação para que as canas pudessem ser moídas.

Em atividade desde meados da década de 1920, o engenho Pedro Anoro, como é conhecido no distrito de Bananeiras, ainda preserva as origens e a forma artesanal dos engenhos coloniais, com os processos de manuseamento humano e animal, não só para garantir a permanência de suas origens, mas também para conservar aquilo que se tornou hereditário. Outro fator que os levam a permanecerem com a propriedade e seus trabalhos é o saber da importância do seu produto desde muitos anos em que até nos dias contemporâneos o mesmo ainda é utilizado para diversas receitas que chamam a atenção das pessoas que os saboreiam mais vale destacar outro ponto que contribuiu para essa permanência, pois tais trabalhadores não tinham escolaridade, sendo o analfabetismo um fato presente na vida dessas pessoas.



Engenho de Pedro Anoro, Bananeiras 29 de Novembro de 2014.

Porém não influenciou na riqueza do produto que tem um grande valor nutritivo. Em um depoimento do Senhor Mario de Sena, “falava que

era o que sustentava muitos homens quando trabalhava o dia todo nas roças e até mesmo nos canaviais, a rapadura com farinha”<sup>6</sup>.



Imagens das casas e comércios que surgiam em Bananeiras com a renda dos engenhos.

Para a população de Bananeiras a economia foi significativa, não só para o desenvolvimento social, mas também para toda contribuição estrutural do local, onde se pode obter um desenvolvimento populacional, havendo surgimento de

---

<sup>6</sup> Entrevista com o senhor Mario de Sena (falecido em 04/10/2013). Realizada em 14 de julho de 2013, na sua residência em Carnaíba de Baixo, às 16:30.

novas casas, casas essas que trazem em suas estruturas modelos da história clássica, novos comércios que dar um novo rumo a economia.

### **2.3-A economia dos engenhos em Bananeiras**

A economia foi para todo o nosso território brasileiro algo de muita cobiça desde a chegada dos europeus, o território foi algo que ofereceu diversas possibilidades para o setor econômico. Entretanto para entendermos melhor todo o processo comercial é preciso que mencionemos a expansão marítima e a descoberta da América, pois é neste período que o comércio começa a ter um grande nível de desenvolvimento por meio das rotas marítimas. Porquanto as rotas mediterrâneas neste período da colonização brasileira e as marítimas eram controladas pelos europeus.

Na década de mil novecentos e setenta, em Bananeiras, esse fator tão desejado que era a rapadura, também foi constatado por razão das propriedades de canaviais que existiam, e por sua vez seus proprietários que queriam cada vez mais produzir e vender, por tanto existia a tal concorrência, ou seja, a disputa pelos caminhos que serviam de rotas para os vendedores que sempre saiam a pé para lugares, que às vezes, duravam três ou mais dias. Os lugares das feiras também eram alvos de disputas, porque em determinados lugares as vendas eram mais favoráveis, isso deixava com que todos buscassem sempre os melhores locais para sua distribuição. “Os produtores relacionam-se principalmente com o comércio varejista para realizar suas vendas, seguido pelo comércio atacadista”.

Assim, os engenhos atuais buscam espaço no mercado e tentam manter os preços das rapaduras razoáveis visando principalmente a manutenção da produção e suprir, na medida do possível, a demanda local. Estes engenhos foram passados de geração em geração da família e a bem da verdade, visam hoje a sobrevivência.

Além disto, a concorrência no mercado do trabalho, a demanda de trabalhadores é aí muito mais forte, anulando assim, em benefício do trabalhador os recursos de que em outros lugares os proprietários podem lançar mão para reterem os empregados contra a própria vontade. (PRADO JÚNIOR, 1994. p. 213).

Com o tempo, muitos engenhos foram perdendo, sua capacidade de produzir, até sucumbirem totalmente. De alguns engenhos do passado restou apenas o nome, pois passaram apenas a fornecer a cana-de-açúcar para as usinas. Com isso a sociedade acabou sofrendo um impacto em função da escassez do produto, e do excedente de mão de obra, não só pelo fechamento dos engenhos, mas também porque esta estava sendo substituída pelas grandes máquinas que existiam nas usinas açucareiras. Daí então os engenhos passaram a ser fornecedores de cana-de-açúcar e não mais produtores de rapadura.

Isso levou uma conseqüente evasão dos trabalhadores que não conseguiam manter a si e suas famílias com o trabalho nos engenhos. Com essa mudança, o único recurso foi para alguns se adaptar a novas culturas. Outros, no entanto, preferiram buscar novos rumos em busca de uma vida melhor. Assim, foram vários os fatores que proporcionaram aos produtores e dependentes dos engenhos com essas mudanças trazendo enormes impactos para toda a sociedade.

O êxodo rural é uma modalidade de migração caracterizada pelo deslocamento de uma população da zona rural em direção às cidades, é um fenômeno que ocorre em escala mundial. O desencadeamento do êxodo rural é conseqüência, entre outros fatores, da implantação de relações capitalistas modernas na produção agropecuária, onde o modelo econômico privilegia os grandes latifundiários e a intensa mecanização das atividades rurais expulsa os pequenos produtores do campo. O intenso processo de mecanização das atividades agrícolas tem substituído a mão de obra humana. Os pequenos produtores que não conseguem mecanizar sua produção têm baixo rendimento de produtividade, o que os coloca em desvantagem no mercado. (Brasil Escola, 04.11.2014, 20:10).

O processo de desenvolvimento da lavoura de cana de açúcar em todo o território brasileiro não foi diferente de produtos, como o café, a borracha, o cacau, a criação de gado entre outros que também tiveram suas oscilações de tempos em tempos, em conseqüência das inconstâncias do mercado, e pela escassez da matéria-prima. Com isso, muitos engenhos que existiam naquela época foram desativados.

Podemos evidenciar que o impacto ambiental é um problema mundial, a devastação no território baiano iniciou-se com a exploração do pau Brasil pelos portugueses e da sequência até as novas gerações. Em Bananeiras desencadeou esse mesmo processo, nas áreas do cultivo da cana que passaram a serem terras devastadas com intuito de plantar capim para criação de gado que sucedeu após as derrubadas das matas que eram queimadas, degradando o solo, poluindo os rios e causando problemas de saúde na população. (MARIA APARECIDA, 29.11.2014)

Notamos que um pouco mais tarde nos espaços só restaram às marcas da devastação e onde havia cultivo passou a existir mato ou pastagens para o gado. Em outras áreas o cultivo de mandioca e milho, se tornavam uma nova alternativa para a sustentabilidade dessas famílias.

Com uma grande importância no meio social, econômico e político, os engenhos também trouxeram alguns impactos no meio social em Bananeiras foi algo que afetou muito toda a população, assim, nos contam os mais velhos, incluindo o Sr. José Bezerra Araújo “que a comunidade era dividida em duas partes, a Bananeiras dos pretos e a Bananeiras dos brancos”<sup>7</sup>.

Mesmo com essa divisão existia a harmonia e a alegria entre os moradores, em ambas as partes existia engenhos, a produção de rapadura era basicamente voltada para suprir as necessidades das famílias e para abastecimento do comércio externo, ficando uma pequena parte da produção para o comércio local. (Dona Maria Rita de Araújo em 31.10.2014)

Os proprietários de terra e dos engenhos conseguiam estabelecer pontos de comércio conquistados pelas riquezas que exploravam das terras. Esses vínculos também eram associados ao meio político, para obterem mais poder e riqueza, tendo assim uma relação de troca de favores.

---

<sup>7</sup> Entrevista com o senhor José Bezerra de Araújo. Realizada em 31 de outubro de 2014, na sua residência em Bananeiras, às 16:20.

## CAPÍTULO III

---

### **BANANEIRAS SEM OS ENGENHOS: O IMPACTO ECONOMICO-SOCIAL DO DECLÍNIO DOS ENGENHOS E AS ALTERNATIVAS ECONOMICAS**

Os impactos causados pelo declínio de uma cultura que era única em um local indicam o declínio da própria localidade. Contudo, muitas vezes, antes da ruína total, a população tende a buscar alternativas para a subsistência sua e de suas respectivas famílias.

Estas alternativas, na maioria das vezes, se manifestam como algo pontual que atenderia de imediato a uma família ou grupo de pessoas. Contudo em médio prazo, a viabilidade de uma cultura pode se apresentar viável em nível mais intenso, de forma que cheguem a impedir a bancarrota local, substituindo a antiga atividade econômica agora em declínio. Algumas vezes estas podem vir a ser futuras atividades que venham não só a sustentar uma família, mas a toda a comunidade ou grande parte dela.

#### **3.1 Os impactos causados pela desativação nos engenhos de Bananeiras**

De início a cultura canavieira foi implantada no território de Areia, desde sua colonização por famílias tradicionais do açúcar, migrantes vindos de várias regiões vizinhas, os quais buscaram ampliar essa cultura sobre novas terras propícias e próximas as vias de escoamento desta produção.

Com o expressivo crescimento da produção de cana-de-açúcar, nas últimas décadas de 1970 a 1980, tem determinado importantes mudanças no que se refere ao aspecto de decadência dos engenhos no povoado de Bananeiras. Sendo assim, o surgimento das usinas, de produtos agrícolas, das casas de farinha, mais tarde com outras fontes de renda. A cana ficou mais cara, a produção mais difícil, trabalhadores já buscavam outros meio de renda, fazendo com que a decadência dos engenhos acontecesse, e sempre com mais veemência.

A implantação e desenvolvimento da agroindústria açucareira no Brasil foi proporcionada, basicamente, pela posição monopolista de Portugal no mercado europeu, apoiada com capitais holandeses especializados no comércio infra europeu, além de funcionar convenientes como vetor de colonização. (Azevedo, 1990, p.137)

Entretanto, os engenhos em Bananeiras também proporcionaram alguns desenvolvimentos para a localidade, como o crescimento da população e o capital econômico predominante do povoado. Embora o custeio da rapadura nos engenhos obtivesse uma lucratividade baixa, alguns moradores conseguiam se estabelecer.

Mais adiante na década de 1980, os engenhos entraram em declínio, após a extinção da matéria-prima, contribuindo para com a decadência de muitos engenhos na localidade.

Diante do exposto, surgiram técnicas de estratégia pela agroindústria, como a forma de manter o pequeno produtor dependente ou subordinado ao capitalismo que toma conta da agricultura. Com a penetração do capital no meio rural os latifúndios passam a serem indústrias agrícolas, grandes empresas capitalistas (LACERDA, 1996, p. 18).

Atualmente, observa-se que as atividades canavieiras ocupavam espaço instável, perdendo posição para outros setores agrícolas, onde predominavam a existência de um maior número de produtores. No entanto, em meio as suas conjunturas econômicas, a cana continua sendo a cultura mais importante na localidade.

Evidentemente que o povoado passou por diversas crises, desde a produção até o resultado final, a mão de obra muito barata, levando uma enorme escassez de trabalhadores de engenho, além de passar por grandes dificuldades na compra da cana, no processo de vendas e na divisão da lucratividade. Desta forma é evidente que o impacto ambiental para o povoado foi enorme, já que a decadência acontecia cada vez, com mais intensidade. À medida que o auge da rapadura foi crescendo, também foi aumentando o número de moradores, fazendo com que a população crescesse e se desenvolvesse a cada ano.

Aliado aos riscos de prejuízos econômicos nos engenhos, levando a danos à

fauna e à flora, as queimadas são responsáveis pela emissão de gases justamente no período de estiagem, quando as condições de temperatura, umidade e velocidade dos ventos são desfavoráveis à dispersão dos poluentes, principalmente para os trabalhadores dos engenhos, que inalavam diariamente o forte cheiro da fumaça entre outros riscos decorrentes no trabalho.

Nesse sentido, encontravam-se desestimulados do trabalho. Passando a ter dificuldades em manter seus trabalhadores, a adquirir a matéria prima, já que, as produções não estavam correspondendo às expectativas de rendimento e desenvolvimento. Isto causou estagnação nos engenhos, passando a operar com dificuldades e a permanecerem ativos as propriedades canaviais.

A safra de cana é uma cultura sazonal, iniciando em maio e terminando em novembro, sendo que neste período ocorre o amadurecimento da cana devido a fatores climáticos como falta de umidade, luminosidade e frio, e com o amadurecimento as canas passam a ser cortadas de forma planejada, sendo logo depois de cortada, transportada da lavoura até a unidade industrial, de onde é enviada para a moagem que é quando começa o processo de fabricação do açúcar ou álcool. (Ester, 2009, p.93).

Os impactos causados pela desativação dos engenhos não só foram financeiros, mais também culturais para a localidade, ressaltando que muitos prejuízos foram visíveis para as famílias que dependia apenas daquele sustento. Atualmente em alguns locais onde eram engenhos, hoje são pastos ou terrenos baldios e os moradores lamentam pela desativação e por desvalorização da cultura local.

### **3.2 As novas culturas e o declínio dos engenhos**

Ao longo dos anos a economia brasileira das regiões rurais foi se estabelecendo em uma estrutura tradicional, ficando sempre a busca de novas terras para que não chegassem à total escassez da matéria prima, porém era pouca a preocupação com a preservação do solo. Entretanto, os trabalhadores por não conhecerem as práticas e técnicas de conservação do solo, acabavam prejudicando essas terras e por consequência influenciava nos aspectos ambientais, seu verdadeiro intuito era a extrair as riquezas dessas terras, por ter melhor custo e pela

facilidade do retorno financeiro.

Decorrentes dessas práticas surgem a degradação do solo, pois eles desmatavam lotes de terra que crescia conforme as necessidades abrangentes, no intuito que o local já explorado se reconstituísse, é cabível pensar que para eles, era notório que essas terras eram produtivas. O impacto para o meio ambiente era inevitável, principalmente pelo fato das queimadas e derrubadas das matas para obterem lenhas que era destinada ao abastecimento dos engenhos.

A devastação da mata em larga escala ia semeando desertos estéreis atrás do colonizador, sempre em busca de solos frescos que não exigissem maior esforço da sua parte. Graças somente à excepcional fertilidade natural dos terrenos baianos ou pernambucanos é que foi possível manter aí, durante tanto tempo, a cultura da cana. Mas o vácuo de matas que se ia formando em torno dos engenhos criava outros problemas igualmente sérios. Tinha-se que ir buscar lenha a distâncias consideráveis; frequentemente ela se torna inacessível, e a atividade do engenho cessa. A falta de lenha é uma das causas mais comuns do abandono de engenhos, e ocorre amiúde. (PRADO JÚNIOR, 1994. p. 88).

Com isso é conveniente citamos as casas de farinha, olarias, padarias, usinas e até mesmo as pequenas empresas que até hoje fazem o consumo da lenha para garantir as suas pequenas ou grandes produções, por serem funções que fazem prática do uso manual até os dias atuais.

Dentre as novas práticas de cultivo na localidade podemos dar uma ênfase ao plantio de mandioca, também chamada de macaxeira, raiz que gerou uma nova estabilidade ao comércio e a autoestima da comunidade de Bananeiras.

As casas de farinha foram se constituindo ao longo do tempo, possibilitando um despertar dos moradores com relação à importância da nova prática de cultivo. Pois as casas de farinha abriram espaços para diversas atividades desde o plantio do caule até o processo final que era a farinha, além dos seus derivados como a tapioca que serviam como base na produção do beiju.

Assim como nos engenhos existiam os vínculos familiares, na produção da farinha ocorria às mesmas coisas, a família predominava nos aspectos produtivos, sendo um processo de agricultura familiar, mas também sediam espaços para

trabalhadores da comunidade nos quais muitos deles ficaram sem quaisquer atividades desde a desativação dos engenhos. A “Casa de Farinha” ajuda a fixar o homem a terra, transformando a mandioca num importante alimento, responsável pela diminuição da fome em algumas regiões brasileiras (GASPAR, 2009, p.42).

Além da mandioca surge também o milho, tanto mais um reforço na prática agrária na região. Entretanto não era consumido com tanta intensidade quanto à mandioca, mas conseguiu dar uma nova estatística na renda local

Ambos os produtos eram de baixo preço não chegavam a concorrer com o açúcar e outros produtos no mercado consumidor, por se tratar de um produto da região nordestina a mandioca, macaxeira ou aipim como são chamados de acordo com a localidade é hoje muito apreciado passando a ser um alimento incorporado na mesa dos brasileiros.

Esta farinha, que chamam comumente de pau, se faz de uma raiz como nabo, cujo nome é mandioca. A mandioca divide-se em perluxas e diversas espécies de outras plantas, com a mesma propriedade. (Freire & Francisco, 2009. p. 129).

O declínio dos engenhos de Bananeiras conseqüentemente levou à degradação da economia local e das cidades vizinhas nas quais consumiam os produtos fabricados nos mesmos. Para essas localidades o único recurso foi aderir à importação, já que na região local não havia mais. Porém com isso, surge a questão burocrática dos impostos que oscilam os atacadistas e vendedores, pois dependendo do local que fosse importar o produto os custos seriam altos, levando o consumidor a desistir da mercadoria, ficando um vácuo na prateleira.

O mercado e o destino das vendas é outro ponto que merece realce nesta análise. Os produtores relacionam-se principalmente com o comércio varejista para realizar suas vendas, seguido pelo comércio atacadista. “Em relação ao destino, as vendas distribuem-se, principalmente, no mercado local, vindo em seguida o mercado estadual, o mercado regional e o mercado nacional. O peso elevado do mercado local como destino das vendas está, muito provavelmente, associado á reduzida escala de produção de cada engenho. Uma parte dessas vendas locais e estaduais, contudo, pode estar sendo redirecionada por alguns comerciantes para os Estados. (Rodrigues Lima, 2001, p. 33).

O aumento desta crise é sem dúvida por conta da difícil circulação dos produtos e pelo aumento das novas técnicas agrícolas. Vimos que esse fator foi também decisivo desde o surgimento da economia para manter todo o padrão de abastecimento em diferentes setores.

Os impactos causados não só em Bananeiras, mas em toda a região adjacentes foi grande devido à escassez dos produtos, mas nessa localidade o impacto ocorreu não com a falta dos mesmos, mas também com a ausência da mão de obra, com as poluições ambientais que causaram danos nos mananciais dos rios como o rio Aipim e desenvolvimento da pecuária.

Esses mananciais foram tendo um desequilíbrio, levando a morte de suas criações (peixes), que por sua vez serviam como sustentabilidade na mesa do morador, e com as condições que ficaram as dificuldades foram aumentando levando algumas famílias a se sustentarem da caça e da coleta de frutos, outras famílias começaram a coletar o licuri para a produção do óleo e para fabricação da cocada, leite de licuri na utilização da culinária e ainda vendiam o mesmo cozinhado quando era tirando ainda verde; com as folhas fabricavam sacolas, chapéus, vasouras e cestos.

Licuri –coquinho (Foto: DoDesign-s)



Licuri –cacho (Foto: DoDesign-s)



Conhecida como a palmeira sertaneja, o licuri (nome científico: *Syagrus coronata*) também é chamado por alicuri, aricuí, adicuri, cabeçudo, coqueiro-aracuri, coqueiro-dicuri, iricuri, oricuri, ouricurizeiro, uricuri e uricuriba. FONTE: [www.cerratinga.org.br/licuri](http://www.cerratinga.org.br/licuri) (05-11-2014 23:00)

Na cidade de Pindobaçu foi menor o impacto com a desativação dos engenhos de Bananeiras, mesmo por ser distrito da cidade não chegou a influenciar muito nas relações econômicas com a comercialização da rapadura. A população local estava centrada mais para o comércio de esmeraldas do garimpo em Carnaíba de Baixo e Serra de Carnaíba, algo que era e ainda é predominante na sua economia.

Todavia, apesar do pouco impacto no município ainda acabou tendo uma pequena queda na economia principalmente nas feiras com as arrecadações dos tributos de impostos, pois aqueles feirantes que residiam em Bananeiras e frequentavam as feiras das regiões deixaram pelo simples fato de não terem mais o produto.

Bananeiras e Antonio Gonçalves foram os lugares que mais sofreram com o declínio da economia. Bananeiras por ser o foco da produção e Antonio Gonçalves porque era quem recebia boa parte da produção dos engenhos. Além da cidade de Juacema, que importava 50% da produção obtida nos engenhos.

Sendo que toda essa produtividade era transportada em jegues, burros, porque assim se tornavam mais econômico que se transportar essas mercadorias em carros de fretes, na maioria das vezes o próprio dono de engenho era que se encarregava de fazer a transportação da mercadoria para conseguirem mais renda já que os lucros não eram tão satisfatórios.

A falta de meio circulante suficiente já se começara a fazer sentir nos últimos anos do Império. O progresso das atividades econômicas, muito acentuado nesse período, determinara uma relativa escassez de moeda que por falta de um sistema organizado e normal de emissões que mantivesse automaticamente certo equilíbrio entre o volume monetário e as necessidades financeiras, tinha por isso de ser atendida, como já fora em outras conjunturas semelhantes, por medidas de emergências e mais ou menos arbitrárias. (Prado Junior 1994, p. 218)

Prado Júnior nos ajuda a entender, a carência do meio circulante da moeda ou de investimentos que dariam maiores possibilidades de desenvolvimento nas práticas produtivas nos engenhos em Bananeiras. Podendo entender que esse fator progressivo das atividades econômicas vem nos acompanhando desde a Colônia,

Império e República. Vimos que são vários os fatores que atuaram na desintegração dos engenhos.

A falta de mão de obra foi outro fator que contribuiu muito para a desativação dos engenhos, pois as condições de trabalho não eram fáceis, desde a libertação dos escravos o trabalho em lavouras foi ficando mais agravante, por conta do difícil acesso a empregabilidade.

### **3.3 A transição da economia e a permanência do engenho Pedro Anoro**

O processo de desativação dos engenhos não foi algo que pegou a comunidade de surpresa, porque os mesmos foram acontecendo processualmente, à falta da cana-de-açúcar, a falta da mão de obra, a falta de investimentos e a degradação do solo acompanhado do desmatamento foi alarmando o processo de desativação dos engenhos, porém um dos principais fatores foi à substituição do produto a rapadura pelo açúcar que já chegava por meio das indústrias.

Diante de todas essas mudanças o engenho de Bananeiras, ainda permanece em atividade. O remanescente engenho de Pedro Anoro que já chega a sua 3ª geração, mantendo-se em funcionamento desde a sua existência. Sendo até hoje produtor de rapadura, melaço, puxe e o tijolo, o tijolo é a mesma rapadura porem com alguns ingredientes a mais como coco e mamão, devido a essa diferença nos ingredientes ele chega a elevar o preço da rapadura.

Em outras palavras, os fatos e a história mostram claramente que, apesar de todas as mudanças ocorridas e das oportunidades perdidas, ainda se faz necessário no país, como condição para a eliminação da pobreza e de suporte essencial a um processo de redistribuição dinâmica da renda, um projeto de desenvolvimento rural apoiado na produção familiar. Produção familiar que se encontra em grande parte descapitalizada ou pouco capitalizada, mas que nenhum óbice tecnológico impede que inicie um processo de modernização e se torne progressivamente média e grande, à medida que se eleva o custo de oportunidade de trabalho. Tachar estes produtores rurais de “não-competitivos”, sem levar em conta as condições a que estão submetidas, trás implícito o velho viés da crença na superioridade da “grande produção capitalista” na agricultura. (GUANZIROLI, 2009. p. 41)

É evidente que o engenho Pedro Anoro preserva suas características coloniais desde a cabana de moagem até a casa de produção, contando também com suas práticas de manuseamento. A rapadura que ali é produzida consiste no abastecimento dos pequenos comerciantes das cidades e as regiões mais próximas a Bananeiras. Faltando iniciativas para o enriquecimento da área estrutural, da forma na qual é realizado processo de cozimento da garapa e na remuneração dos trabalhadores, para que os mesmos voltem a ser produtos competitivos no mercado.

As rapaduras são vendidas em unidades ou em cargas que correspondem a 20 unidades. Os seus donos procuram além de manter suas produções ativas, estão sempre buscando preservar o meio ambiente, coisas que passavam despercebidas pelos antigos proprietários dos engenhos. Hoje essa preocupação já pode ser vista em torno do mesmo. Ao redor das cabanas presenciamos as montanhas de bagaço da cana de açúcar, porém tais bagaços são usados para alimentação dos animais e também nas fornalhas.



Bagaço de cana de açúcar do engenho Pedro Anoro de Bananeiras 29.11.2013

As fornalhas são responsáveis pelo cozimento da rapadura; o bagaço depois de seco é jogado para queimar. Outro termo importante e notável é que os donos estão procurando sempre cuidar das margens dos engenhos com uma flora bem conservada, sua localização fica entre serras, que mostram a beleza da região.

Algo que podemos perceber é que foi realmente constatado como um fator preocupante sobre a permanência desse engenho, pois segundo o Sr. Petronilo “disse que se chegar a faltar não sabe se os filhos vão trabalhar rapaziada nova e morando na cidade muitos não quer saber de roça não” e os próprios pais não querem que os filhos tenham a mesma vida sofrida que eles preferem bancar os estudos dos seus herdeiros em capitais e que assim possam ter uma profissão vista como mais “digna”.

Também ficou nítida a riqueza em seus aspectos culturais do processo de colonização, comercialização, trabalho, lazer e fonte de renda desde o primeiro engenho, os mesmo também serviam para realizações de festas, rodas de conversa e até mesmo para cultos religiosos.

Com base nestes fatos dar para notarmos que a conservação do engenho é algo de fundamental importância para os donos não só pelo seu valor sentimental, mas também por fornecer sua sustentabilidade, sendo clara a realidade de Bananeiras em relação às condições trabalhistas, pois sabemos que é um lugar carente neste aspecto.

Contudo o distrito se dispõe apenas da rentabilidade de aposentados e de alguns funcionários públicos que são efetivos ou contratados, não sabendo exatamente até quando, pois a insegurança não vos deixa em conforto e dessa forma a economia local se tornou instável.

Neste caso, podemos pensar se todas essas pessoas que são funcionárias públicas buscassem investimentos para a ampliação e qualificação do engenho ainda existente e cogitassem a hipótese de se construir outros para que a localidade pudesse dispor não só de emprego para a população, mas também de produtos em uma maior escala de exportação.

Passando a ser um lugar de sustentabilidade própria com medidas que não causassem a decomposição do solo, pois em pleno século XXI, nos oferecem

medidas cabíveis ao desenvolvimento de novas formas de cultivo e recursos para a melhoria da prática agrária.

Conforme as informações aqui apresentadas podemos pensar que a possibilidade de renovação com o propósito de construir uma associação ou uma cooperativa que pudesse de maneira formal dar um novo olhar para fortalecer mais algo que já é de grande importância para aqueles que admiram a prática dos engenhos, para que desperte as pessoas que muitas das vezes por não terem conhecimento de uma forma mais abrangente o que é e como funciona um engenho produtor de rapadura.

Pensando nisto os órgãos municipais e governamentais poderiam investir nesta formação assim como é feito nos assentamentos e nos campos, nas distribuições de casas, caixas d'água além de empréstimos em baixo custo de juros, se esses investimentos fossem também atribuídos aos moradores de Bananeiras para a criação de novos engenhos e para a manutenção de remanescente, para o mesmo não venha a desativar e perde a essência da sua cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A pesquisa e o estudo histórico sobre os engenhos de rapadura em Bananeiras refletiram em nossa inquietação sobre o declínio da produção de rapadura e os fatos ocorrentes na história da vida daquelas pessoas, despertando em nós o desejo pela a pesquisa. Com intuito de contemplar a história da decadência dos engenhos de rapadura na localidade, vivenciamos fatos marcantes e satisfatórios para as nossas fontes de estudo.

O estudo nos apresentou de forma diferente a riqueza que região possui e que muitas das vezes não são valorizadas ou reconhecidas pelos próprios moradores. Para contemplar essas pretensões, foi feita uma busca pela história dos engenhos e quais os motivos que levaram à decadência, uma vez que era bastante a quantidade de engenhos e que aos poucos foram acabando, restando hoje apenas um em funcionamento.

Além dos documentos textuais que por vezes eram tão precisos, a pesquisa buscou nas fontes orais, através de entrevistas realizadas com pessoas diretamente relacionadas com os engenhos locais, na tentativa de “extrair o fruto” da memória dos antigos donos e trabalhadores de engenhos. Desta maneira, torna-se extrema a importância do registro desses engenhos, visando à importância da cultura local e da economia dos distrito de Bananeiras.

A produção e a comercialização da rapadura vêm mudando nos últimos anos, com a finalidade de atender à demanda do mercado. Após analisar as relações de negócios entre os produtores de rapadura no engenho e nas usinas de outras regiões, podemos fazer algumas considerações referentes ao produto, na qualidade, na oferta e no preço, já que o mercado é cada vez mais exigente e competitivo.

Neste sentido, percebe-se que a produção de rapadura foi e ainda continua sendo uma importante comercialização para os trabalhadores do único engenho ainda em funcionamento na localidade de Bananeiras, proporcionando assim a sustentabilidade e o faturamento da mercadoria para o sustento dos trabalhadores e suas famílias, embora não mais o seja de forma única e até mesmo principal, uma vez que outros

produtos gradativamente o substituíram. Estas produções de rapadura e suas variantes dão garantias de preços, qualidade, quantidade, transporte, prazos, tanto para o consumista como para o mercado de trabalho.

Portanto, a cadeia produtiva de rapadura acompanha elementos relevantes ao desenvolvimento rural da localidade, tendo uma preocupação em produzir um alimento natural e com características diferenciadas na mistura. A forma em que é manejada a lavoura de cana, na propriedade, leva a crer que esta é uma possibilidade que pode ser viável e com poucas alterações nos procedimentos cotidianos na vida dos trabalhadores rurais.

Constatamos também que, realmente, os avanços tecnológicos modificaram o crescimento da produção e contribuiu para a decadência nos engenhos de rapadura no povoado de Bananeiras, não conseguindo mais se recompor para novos funcionamentos. Por fim, podemos ver, de maneira claramente exemplificada, a relação mútua entre os trabalhadores de engenhos e a população atual no povoado, e nos salienta a importância cultural e econômica que temos na nossa localidade, mais que poderia ser vista com outro olhar pelas localidades vizinhas, valorizando e aprimorando o crescimento da produção de rapadura no engenho.

## REFERÊNCIAS

---

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Cortez, ed.7ª, 2005.

CENTEC. INSTITUTO CENTRO DE ENSINO TECNOLÓGICO. **Produtor de rapadura**. 2. ed. rev. Fortaleza, 2004.

ESTER, Usina. **O processo de fabricação de açúcar e álcool na Usina Ester**. Disponível em Acessado em 18/05/2009.

FERLINI, M.L.A. **A Civilização do Açúcar (séculos XVI a XVIII)**, São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERNANDES, H. **Açúcar e álcool –ontem e hoje**. Rio de Janeiro: GB/M.I.C. – Instituto do Álcool (coleção canaveira, n° 4), 1971.

FREYRE, G. **Casa grande & Senzala**. 45° ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GAMA, R. **Engenho e tecnologia**. São Paulo: livraria Duas Cidades, 1978.

GONÇALVES, Naudiney de Castro. **"O fogo não está morto" [manuscrito: engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

LARCEDA, Automar Guedes de. **Pelos Campos da Fome: um estudo sobre as consequências da falência da Usina Santa Maria no Município de Areia-Paraíba**. Areia: UFPB 1996.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **Família Tradição e Poder: o (caso) dos coronéis**. São Paulo: ANNABLUME/Edições UFC, 1995.

PEREIRA, Maria Alacoque de Lima. **Jardim –sua História e sua Gente**. Fortaleza, 1987.

PRADO Júnior, Caio /1907 –1990. **História econômica do Brasil -41ª**. ed, -São Paulo: Brasiliense, 1994. p, 33.

REGO, J. L. Usina. 46° ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SOUZA, Ivan Pereira. **Do Engenho a Usina: estudo diacrônico da terminologia do açúcar**. São Paulo: USP, 2007.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA DE AÇÚCAR. (ÚNICA) **Relatório de sustentabilidade**. Etanol, açúcar, energia. São Paulo, 2008.

[www.cerratinga.org.br/licuri](http://www.cerratinga.org.br/licuri)

[www.cidadebrasil.com.br](http://www.cidadebrasil.com.br)

[www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)